

A SENSIBILIDADE DA ARTE VOLTADA A AMIGOS ESPECIAIS

Rosana de Paulo Pereira, rogudi@gmail.com

Orientador: Prof. Dr. Antonio Busnardo Filho

RESUMO: Este trabalho tem como proposta a utilização da arte como meio facilitador de contato e comunicação com pessoas portadoras de deficiências mentais. Esta pesquisa foi desenvolvida por meio de encontros com um grupo de crianças, adolescentes e adultos com as seguintes patologias: Autismo e Síndrome de Down. O desenho foi o veículo apropriado para a observação do desenvolvimento das representações gráficas, bem como do desenvolvimento cognitivo durante o processo. Isto para mostrar que através da arte é possível criar um elo de comunicação e orientar pais e voluntários a mudar e rever seus padrões de comportamento; propor por meio da arte o desenvolvimento de sensibilidade e das habilidades intelectuais e psicomotoras, restaurando potencialidades adormecidas dos portadores destas deficiências estudadas, realizando assim um processo de inclusão.

Palavras-chave: Arte. Inclusão. Sensibilidade. Deficiência mental. Desenho.

ABSTRACT: *This work has as proposal the use of the art as facilitative middle of contact and communication with people carriers of mental deficiencies. This research was developed by means of encounters with a group of children, adolescents and adults with the following pathologies: Autism and Syndrome of Down. The drawing was the vehicle adapted for the observation of the development of the graphic representations, as well as of the cognitive development during the process. This to show that through the art is possible to create a communication link and to guide parents and volunteers to move and to review its patterns of behavior; to propose by means of the art the sensibility development and of the intellectual abilities and psicomotoras, recuperating made sleepy potentialities of the carriers of these studied deficiencies, accomplishing like this an inclusion process.*

Keywords: *Art. Inclusion. Sensibility. Mental deficiency. Drawing.*

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é refletir sobre o papel da educação pela arte no processo de reabilitação de deficientes mentais.

Foi realizada uma pesquisa de campo no período de um ano em um Centro de Convivência para Portadores de Múltiplas Deficiências (CECON). Foram realizadas dinâmicas com pais e voluntários pela psicóloga da associação, analisando a influência dos pais e o comportamento dos pesquisados no primeiro mês da pesquisa.

A metodologia baseada no socioconstrutivismo propôs às pessoas com síndrome de Down, autismo e retardo mental atividades para observar sua capacidade intelectual e também suas expressões através do desenho. A preposição de atividades de desenho livre fez-se necessária para observar o grau

de concentração dos pesquisados e sua compreensão de mundo, bem como a força simbólica desse mundo representado.

Estudiosos do grafismo infantil, sem exceção, reconhecem haver determinadas fases, etapas ou períodos que são comuns aos sujeitos em processo de apropriação do desenho enquanto sistema de representação. E, de fato, desde o rabisco sem intencionalidade de representação até a representação gráfico-plástica propriamente dita podemos claramente identificar aspectos visuais invariantes no processo de apropriação do desenho como sistema semiótico de representação por parte do sujeito.

Existem diversas teorias e interpretações a respeito da produção gráfica infantil, assim como vários enfoques possíveis quando ela é analisada, seja pelo aspecto revelador da natureza emocional e psíquica da criança, seja pela análise gráfica tomada em seu

aspecto puramente formal ou simbólico, seja pela utilização do desenho nos testes de inteligência ou até mesmo pela capacidade de o desenho demonstrar o desenvolvimento mental da criança (DERDYK, 2004).

DESENHOS E REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS

Os participantes desta pesquisa realizaram diariamente atividades no Centro de Convivência CECON. Atualmente, esse centro possui 56 alunos com diversas patologias e em suas atividades são divididos por grau de deficiência (leve, moderada e alta) e não por diagnóstico específico. Os selecionados para análise foram escolhidos a partir da observação do seu desenvolvimento durante um mês. Entre os participantes se destacam dois autistas, três possuem traços de autismo; seis são portadores de síndrome de Down e um não tem laudo efetivo, classificado apenas, como portador de retardo mental.

A análise dos desenhos dos pesquisados é a análise dos trabalhos desenvolvidos durante o período da pesquisa e tem por base os estudos de Viktor Lowenfeld (1977). Os desenhos foram escolhidos de acordo com o desenvolvimento individual de cada pesquisado, visto que, eles possuem diferentes patologias e graus de deficiência.

Mesmo os observando individualmente, pode-se relatar diversos momentos nos quais as propostas possibilitaram o surgimento da afetividade e do relacionamento em grupo. Os desenhos selecionados foram escolhidos como forma de representação dos momentos nos quais os pesquisados apresentaram algum fato significativo como alteração de fase simbólica, tendo como base para uma possível classificação e compreensão do desenvolvimento cognitivo desses indivíduos a classificação do desenho infantil, dada por Lowenfeld.

São apresentados aqui apenas alguns resultados obtidos durante a pesquisa. O pesquisado foi selecionado por ordem aleatória visto que todos apresentaram resultados significativos.

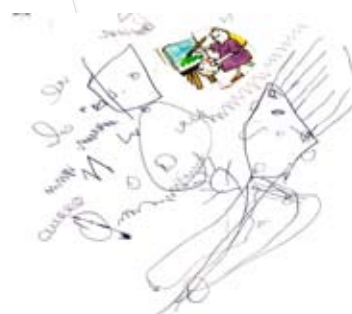
Sandro

26 anos - Síndrome de Down



Desenho 1 – Observação de formas geométricas – 22/02/06

A proposta inicial era observar o desenvolvimento de motricidade e sensibilidade do pesquisado. Observa-se que Sandro tem um desenvolvimento motor significativo, mas sua percepção retém-se a apenas uma forma, representando-a repetidas vezes, independentemente das outras figuras geométricas. Os elementos circulares são os mais frequentemente repetidos; aí se pode notar o desenvolvimento de um certo controle motor, que se diferencia dos movimentos espontâneos das garatujas, e, também, a representação de uma imagem arquetípica que é o próprio círculo.



Desenho 2 – Colagem – 11/04/06

O objetivo dessa proposta era levar o pesquisado a encontrar na figura as formas circulares; nota-se que ele ao colar a imagem a representa com o lápis. Ele utiliza-se de todo o espaço do papel, não se limitando apenas à colagem, o que demonstra iniciativa e também segurança ao realizar sua atividade. O mais

interessante é que Sandro, ao não atender estritamente o objetivo da proposta, recria a imagem apresentada, alargando o universo da própria imagem. A retórica da representação invade o universo do desenho – a paisagem “escapa” da tela para o espaço, comple(men) tando-o.



Desenho 3 – Livre – 26/06/06

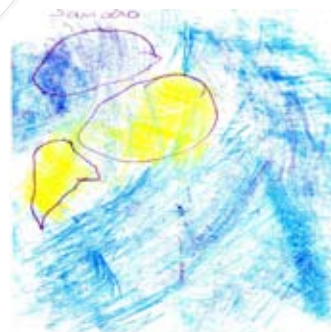
Neste trabalho, Sandro representa temas do seu dia-a-dia, buscando livremente a execução de sua tarefa. A descoberta de poder representar por meio do desenho coisas reais lhe permite o desenvolvimento de sua autoconfiança, necessária para a execução das propostas e de suas ações. A figura remete à imagem de uma bicicleta ou motocicleta, tornando as formas mais compreensíveis, mas a pintura ainda não está coordenada, já que depende de um movimento motor mais organizado – ainda se apresenta com garatujas.



Desenho 4 – Observação natureza – 16/08/06

A busca pelo real e a representação utilizando a totalidade do espaço demonstram que Sandro evoluiu em sua percepção e também em sua segurança naquilo que está fazendo. Isso demonstra que ele se torna muito consciente das suas ações, fazendo com que melhorem sua proporção no desenho e sua percepção

visual. As garatujas desaparecem neste desenho, e a forma se apresenta mais definida e clara. A imagem de uma folhagem é nítida, não sendo necessário nenhum esforço intelectual para entendê-la.



Desenho 5 – Céu – 21/11/06

Na representação do céu, Sandro utiliza todo o espaço e cria movimentos, dando uma dinâmica muito interessante ao desenho; o gesto, nesse momento, está a serviço da arte. No céu aparecem formas diferenciadas que podem representar a presença de nuvens, que adquirem uma tonalidade mais quente, como pontos ou elementos de composição que contrastam com a cor fria do azul. A expressão de Sandro adquire uma semelhança muito grande com o gestual da pintura expressionista. Sandro narra detalhadamente cada movimento, indicando sua percepção do todo que o cerca

Atividades aplicadas:

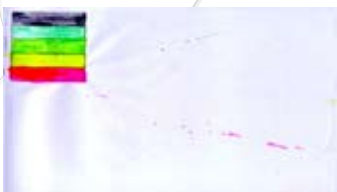
Mostrar e fazê-los sentir o mundo a sua volta, e deixá-los se comunicar, desenvolvendo assim o seu potencial, foram as maneiras mais práticas e positivas para uma integração entre os pesquisados e as dimensões cognitivas e afetivas que inferem e interferem nas expressões artísticas. Abaixo estão alguns exemplos dos exercícios aplicados.



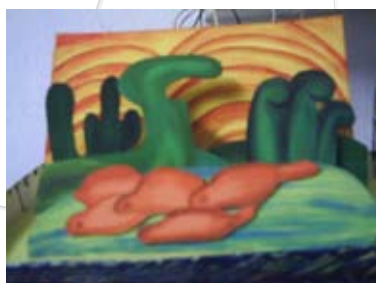
Observação de formas geométricas



Utilização de barbante



Utilização de diversos tipos de giz e lápis



Maquete de obra de Tarsila do Amaral



Exercício de percepção através da figura

"Sol Poente" – 1929

Durante o processo da pesquisa foi observado o desenvolvimento do grafismo dos participantes, e, mais que isso, as dimensões afetivas surgidas durante o processo e que tiveram importante significado na compreensão de suas representações.

O primeiro mês foi um período de observação, para que se pudesse criar um elo entre pesquisadora e pesquisados. Tudo é novo, e tornou-se necessário observar hábitos e costumes não só dos pesquisados como de tudo que os rodeava para traçar um plano de tarefas.

No processo realizado, o desenho torna-se um elo de comunicação; em muitos casos, o deficiente tem

– dificuldade narrativa e essa forma de expressão se torna então a melhor maneira de a pessoa pesquisada expor seus sentimentos, pois ela passa a se comunicar através da criação de elementos simbólicos, dando início a um relacionamento afetivo e buscando respostas no mundo exterior para aquilo que o aprisiona.

Uma explosão de reações e sentimentos é observada durante a pesquisa, pois no processo artístico os signos são mediadores das relações entre os homens, permitindo que esses limites pessoais possam ser superados. A expressão artística em seu processo de produção transita entre a sensibilidade e a razão.

Ao resgatar o menino aprisionado por tantos anos, sendo a família igualmente refém, a sensibilidade ajuda e permite perceber que não há diferença entre sujeitos. É observado que a arte possibilita ajudar o fator não só social, como físico e psicológico. Amplia-se o olhar mostrando que através da arte é possível alcançar o "impossível".

Aos poucos, no decorrer da pesquisa foram sendo criadas atividades para que se pudesse trabalhar a percepção dos pesquisados, porque o ensino da arte vai muito além do ver; quando se fala em arte e inclusão, deve-se proporcionar ao deficiente cultura, novas experiências para um melhor desenvolvimento do enxergar, do fazer artístico, do apreciar e do sensibilizar, sempre como formas de ampliação da percepção de mundo e da afetividade.

O ser humano, por si só, reage instintivamente às situações que o rodeiam, e quando isso se torna real ao deficiente, ele percebe que o que vê, ouve ou sente produz resultado, desenvolvendo-lhe o desejo de se comunicar com os outros; tudo isso faz parte do processo de desenvolvimento e de inclusão tanto dos portadores de deficiências mentais, quanto dos funcionários e professores do CECON, bem como da pesquisadora.



Pesquisados desenvolvendo atividade em grupo 21/11/06

Uma parte importante do trabalho foi a participação dos pais durante a pesquisa. Muitos tinham medo do que os filhos pudessem vir a produzir; foi mostrado a eles que todos tinham capacidade e que o progresso deles também dependia da segurança que os pais demonstrassem ao deixá-los participarem, sem qualquer tipo de bloqueio e com muito incentivo. Aos poucos eles perceberam que isso era uma realidade, e em muitas atividades eles se aproximaram, não mais como pais mas como participantes que também queriam realizar algumas atividades. O grau de afetividade aumentou.

Os pais precisam compreender que nunca prejudicarão seus filhos se os expuserem a experiências capazes de desenvolver suas qualidades de percepção. Tem de se ter um olhar radical, pois deve haver mudança para que as pessoas ampliem a sua visão de cultura, uma vez que, infelizmente, em muitos processos que se denominam inclusivos existe um acúmulo de formação de novos hábitos ou de ampliação dos que já existem.

A inclusão através da arte serve não somente ao ambiente social como também aos aspectos físico e emocional. Cada movimento traçado, diferenciado, deve ser analisado como um avanço. A arte é essencial, pois em muitas experiências o pesquisado observa obstáculos para a realização de sua atividade; esses obstáculos não devem ser arrancados e nem ter o caminho facilitado; mesmo que demore um tempo significativo, é necessário para que a pessoa aprenda a superar limites entender que no processo de criação muitas vezes é preciso partir para a utilização de novas ferramentas, e a arte tem esse papel de demonstrar que todos somos capazes.

A arte auxilia sem impor padrões, coloca-os no mundo fazendo-os compreendê-lo; assim, mais rapidamente a pessoa se desenvolve e pode facilitar o seu processo de inclusão. O limite para qualquer dificuldade ou transposição é o papel, e a pessoa portadora de deficiência mental descobre que neste universo existem possibilidades diversas para sua manifestação, passando a adquirir confiança e respeito por aquilo que a cerca.

É necessário analisar caso a caso, porque o que se prega é uma inclusão geral e incondicional e em alguns casos observados o processo é lento e

necessita, antes de tudo, de uma individualização, uma troca de experiências para que haja um fortalecimento; esse processo pode levar anos, tem de ser indeterminado até que o indivíduo se sociabilize e compreenda que existem pessoas ao seu redor, e as pessoas ditas “normais” também compreendam que o “diferente” pode fazer parte de seu mundo, de seu dia-a-dia, sem que seja excluído ou discriminado. É preciso que haja a sensibilidade e a capacidade de inovar, mudar, transformar o ambiente, num estreitamento dos relacionamentos.

Para isso existe, em muitos casos, a necessidade do excluir para incluir, de o Um dos papéis para textos utilizados para escrita mais antigos é o *otracismo* indivíduo passar por um processo de preparação, convivência para criar sua autonomia e depois ser incluído a um sistema já pronto. É necessário também a inclusão de educadores e outros profissionais que desconhecem esse universo e que o diferencia da realidade, transformando-o em um mundo de cuidados especiais, como se todos os seus “habitantes” fossem pessoas frágeis e sem condições de qualquer tipo de aprendizagem. Deve-se demonstrar que, realmente, é fundamental que se desenvolva maior afetividade, o o que não se observa no cotidiano de muitos desses profissionais, e, por isso, é preciso prepará-los para esse processo de fortalecimento de relações. “A arte pode constituir o equilíbrio necessário entre o intelecto e as emoções” (Lowenfeld, 1977. p. 19).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um ambiente com 56 pessoas com diversos transtornos, apresentar o trabalho com a arte, enquanto meio integrador e de desenvolvimento cognitivo, torna-se um desafio; e trabalhar com o cotidiano dessas pessoas, fazer com que elas enxerguem o mundo a sua volta, é o objetivo mais difícil, mas que proporciona a maior satisfação diante de um resultado que pode parecer pequeno para a maioria, mas que é enorme para esses pesquisados. Proporcionar a eles novas sensações, quebrar preconceitos e mostrar que todos somos capazes dentro de nossos limites de se desenvolver, de pesquisar e de (re) conhecer novos rumos é um verdadeiro trabalho de inclusão, porque

não traz o “diferente” para próximo. Um dos papéis para textos utilizados para escrita mais antigos é o *otracismo* dos “iguais”, mas insere esses “iguais” em um mundo outro que se complementa com as diferenças.

O processo de inclusão está batendo às portas, mas nem sempre elas estão abertas, é preciso haver uma preparação de pais e educadores. A experiência no CECON demonstrou que a arte é uma chave para abrir essa porta, mas há casos que devem ser analisados individualmente. Muitas vezes, levar um deficiente mental a um espaço público como uma escola não especializada, pode causar-lhe o processo contrário, o da exclusão, porque ambientes e pessoas precisam estar preparados para receber uma classe tão especial de pessoas. É necessário criar alternativas para muitas, senão para todas, das situações nas quais os objetivos são passeios, como forma de integração.

O período da pesquisa aparentemente ideal se tornou curto. Alguns dos planos traçados não se concretizaram, pois quando se trabalha em grupo é necessário respeitar os limites de todos. Em muitos casos é preciso um trabalho de anos. O compromisso tem de ser forte quando se trata de pessoas com deficiência mental; é necessária paciência e perseverança, pois o resultado não é imediato.

Observar uma criança que não interagia, que tinha traços repetitivos, e vê-la interagir com outros a sua volta, e perceber a mudança do seu traçar, após algum tempo de trabalho, é uma vitória comprovada com a análise dos graus de comprometimento do grupo.

Nós devemos incluir-nos nos mais diferentes mundos, já que o padrão de normalidade é altamente questionado, e aprender a analisar o diferente, e começar mudanças em nós mesmos são os primeiros passos para um processo de aprendizagem amplo, por meio do qual todos seremos beneficiados.

O arte-educador tem de ser uma porta aberta, e criar e muitas vezes recriar para que objetivos sejam alcançados. Nitidamente, nesta pesquisa os resultados surgiram, e o principal objetivo foi alcançado, ou seja, mostrar que pela arte pode ser desenvolvido um processo de reabilitação, e que uma pessoa deficiente não é menos desenvolvida, apenas se desenvolve de forma diferente; e que com orientações apropriadas, dedicação e carinho, é possível construir um novo

conhecimento capaz de transformá-la, habilitando-a a conviver em sociedade.

Esta etapa foi vencida, agora cabe a cada um de nós procurar, a cada dia, o conhecimento, praticar uma arte-educação de responsabilidade, melhorando e promovendo o processo de ensino e de aprendizagem a todos, pois, após o envolvimento com pessoas com sutilezas maiores de sensibilidade, todo processo de ensino se torna, além de ético, um procedimento moral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORDONI, T. **Descoberta de um universo, a evolução do desenho infantil**. Disponível em: <http://www.forumeducacao.hpg.ig.com.br/textos/textos/psico2.htm> Acesso em 18 maio 2006. 17:54

DERDYK, E. **Formas de pensar o desenho**. São Paulo: Scipione, 2004.

FREIRE, P. **Educação: O Sonho Possível**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

_____. **Educação e Mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

JAPIASSU, R. V. **A Arte na educação de crianças, jovens e adultos**. Disponível em: http://www.educacaoonline.pro.br/art_na_educacao_de_crianças.asp. Acesso em : 04 set. 2005 12:40: 25

_____. **Do desenho da palavra a palavra do desenho**. Disponível em: http://www.educacaoonline.pro.br/art_do_desenho_de_palavras.asp. Acesso em: 04 set. 2005 12:33: 39

LOWENFELD, V. **A Criança e sua Arte**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

LOWENFELD, V – BRITAIN, W.L. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. São Paulo: Mestre Jou, 1947.

MACEDO, L. **Ensaio Construtivistas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

MACIEL, M.R.C. **Portadores de deficiência: a questão da inclusão social**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php>. Acesso: 06/09/05 18:40: 43

MARTINS, V. **Quem necessita de educação especial?** Disponível em: <http://www.centrorefeducacional.com.br/gemnecess.htm>. Acesso: 24/09/05 22:00:36.

MOREIRA, A. A. A. **O espaço do desenho: A Educação do Educador**. São Paulo: Loyola, 1993.

PRADO, A. M. C. C. **A inclusão do portador de necessidades especiais em âmbito social e escolar**. Disponível em: <http://www.pedagobrasil.com.br/formasp.asp>. Acesso em 06 set. 2005 18:35: 43

PRISTA, R.M. **Programa de desenvolvimento para pessoas portadoras de psicose e autismo**. Disponível em: http://pessoalositeisp.com.br/~prista/prog_psicose.html. Acesso em: 06 set. 2005 20: 53:12

RABELO, A. S. Adaptação Curricular na Inclusão. Rio de Janeiro: **Revista Integração**. MEC/ SE-ESP ano 9, n1 21, 1999.

SANTOS, J.L. **O que é Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SILVA, R. N. A. A Educação Especial da criança com síndrome de Down. In.: BELLO, J.L.P. **Pedagogia em foco**. Monografia apresentada à Universidade Veiga de Almeida, Rio de Janeiro, 2002. <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/spdslx07.htm>. Acesso em: 07 set. 2005 21:43:15

STABILE, R.M. **A Expressão Artística na Pré-Escola**. São Paulo: FTD, 1988.

VALENTE, F. **O portador de necessidades especiais - esse desconhecido**. <http://www.conteudoescola.com.br/site/content/view/98/36/>. Acesso: 24 set. 2005 21: 43:15

VIGOTSKI, L.S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.